



GARDEN, Conceição. **Barbacena fundada pelos bandeirantes paulistas. Berço de grandes vultos. Cidade de poentes e atordoantes belezas.** Oficinas de a noite, Rio de Janeiro, 1940.

**Barbacena fundada pelos bandeirantes paulistas.
Berço de grandes vultos. Cidade de poentes e atordoantes belezas.**

Rosária Aparecida Dias Eugênio Resende

Universidade do Estado de Minas Gerais

rosaria.resende@uemg.br

A presente resenha apresenta e discute a obra: “Barbacena. Fundada pelos Bandeirantes Paulistas. Berço de Grandes Vultos. Cidade de Poentes de Atordoantes Belezas”, escrito em 1940, por Maria da Conceição Jardim, que adota como pseudônimo, Conceição Garden, com relatos de episódios e personagens da cidade de Barbacena.

A obra está estruturada em oito capítulos, dedicada, segundo a autora, “à juventude moderna, presa à roda giratória do dinamismo atual”, com o objetivo de fazer relatos de episódios e personagens, em homenagem ao centenário de Barbacena. O Prefácio foi escrito por Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Presidente da Constituinte de 1934 e de Minas Gerais.

No primeiro capítulo, intitulado “Histórico de Barbacena – a Semana do Centenário de Barbacena oferecida à juventude brasileira”, a autora apresenta Barbacena como “uma cidade lendária e cheia de poesia suave, que se desprende de horizontes sem rivais, eleva-se por sobre colinas que lembram um punhado de esmeraldas ao espaço”, diz que o futuro da cidade “há de ser sadio e forte” porque o passado foi uma “realização vigorosa”. Conta que no início havia uma aldeia de Índios Puris, fundada pelos Jesuítas, na região da Borda do Campo, e continua descrevendo vários personagens que viveram e passaram por Barbacena, dentre eles, Coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, primeiro proprietário da Fazenda da Borda do Campo, Coronel José Aires Gomes, segundo proprietário da fazenda, que se une a Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes – no movimento da Inconfidência Mineira. Nesse capítulo a autora consegue traduzir com perspicácia as observações e encanta pelo brilho das narrativas.

No capítulo II, “Fazendas históricas e fazendas berços de famílias ilustres de Barbacena”, Conceição Garden apresenta espaços importantes para a memória histórica do

município, cheios de cultura, e a tradição “por ordem de antiguidade”: 1 – Fazenda da Borda do Campo; 2 – Fazenda do Registro Velho; 3 – Fazenda do Ribeirão; 4 – Fazenda do Castelo; 5 – Fazenda da Cachoeira; 6 – Fazenda da Mantiqueira; 7 – Fazenda da Caveira de Cima; 8 – Fazenda dos Moinhos; 9 – Fazenda da Conceição; 10 – Fazenda do Cabangú; 11 – Fazenda do Campo verde, apresentando seus proprietários, familiares que ali viveram, os espaços e histórias dos que ali viveram.

No capítulo III, “A Semana Santa de Barbacena”, conta com sensibilidade e devoção a grandiosidade dos festejos preparados pela comunidade e relata “fico muitas vezes a interrogar o porquê da emotividade que me abala, toda vez que tenho o ensejo de presenciar os atos da Semana Magna”. Narra, com riqueza de detalhes, a procissão do Encontro, a missa solene da Quinta-feira Santa, quem foram as Madalenas e o “romper das Aleluias”. Assim Conceição Garden finaliza o capítulo “lembrei-me da Barbacena da minha infância que era uma, única, indivisível, na Pátria, na Família e na Religião d’aquela que nos legou o Grande, o supremo Mandamento! ‘Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei’”.

No capítulo IV, “Barbacena ao atingir o centenário agradece às filhas de São Vicente – As nossas irmãs de caridade – o muito que lhes deve”, a autora inicia o texto com um diálogo entre mãe e filho, para explicar quem eram as irmãs da caridade, e prossegue narrando a missão a elas atribuída por Deus, escrevendo sempre com muita maestria as palavras.

Capítulo V, “A Barbacena que ficou”, Garden descreve com precisão e requinte a emoção que sentia ao adentrar o solar “Máximo de Magalhães”, fala com imenso respeito sobre a figura de José Máximo de Magalhães, como Floriano Peixoto foi recebido e tratado por ele, com “brilhante êxito da cura difícil”. Lembra que a porta do solar estava sempre aberta “para todos os seus conterrâneos de qualquer posição ou classe social a que pertençam” e, ao finalizar, diz que a casa do Coronel José Máximo deve ser lembrada como o “Solar da Fidelidade”.

Capítulo VI, “Barbacena, ao atingir o centenário, recorda os filhos mais ilustres”, se divide em duas partes, sobre Olinto de Magalhães. A primeira, sobre a formação e iniciação à vida pública, apresentando a vida do “filho único que nasceu no Solar da Fidelidade”, como um homem que nasceu numa pequena cidade do interior e foi capaz de galgar “cortes suntuosas e longínquas, a altas representações em países de difícil acesso para a época e a posições de elevadíssimo destaque social e de saliente relevo internacional”; a segunda, sobre o diplomata, nomeado em 19 de novembro de 1893, 1º secretário da Embaixada Especial dos Estados Unidos, mencionando a carta de Floriano Peixoto, direcionada ao Cel. José Máximo, para dizer do brilhantismo de seu filho, Olinto Magalhães, no desempenho das funções que lhe foram

delegadas. Prossegue mencionado os países por onde Olinto Magalhães passou e sobre a vida com sua esposa que “numa comunhão absoluta de ideias e de sentimentos, dividem o seu tempo entre, Rio, Petrópolis e Barbacena.”

No capítulo VII, “A Mansão da Saudade”, a autora destaca a figura de Dr. Carlos Pereira de Sá fortes, mencionando a primeira fábrica de laticínios, do Brasil, como marco da história de nossa Pátria, criada por ele. Que muitos se lembravam, ao se sentar às mesas da Colombo e outras leiteiras no Rio de Janeiro, que o sabor do café com leite, da manteiga, dos queijos, tinha história “escrita com a pena de muitas penas, com a tinta de muitos suores e sobre o papel de duras experiências, pelo ilustre Carlos Pereira de Sá fortes”. Finaliza exaltando o pioneirismo deste ilustre filho nascido no “alto da Mantiqueira”.

No oitavo e último capítulo, “Um nome que é um renome”, é uma homenagem a Conde de Prados, cujo título recebeu de D. Pedro II, pelos relevantes serviços prestados à Pátria. Garden divide o texto em partes: 1 – Nome; 2 – Infância e Formação; 3 – Regressa o médico; 4 – O sábio; 5 – O político e jornalista; 6 – O administrador; 7 – O grande coração brasileiro e encerra dizendo “Bem pudera o Conde Prados desenhar esses títulos de uma nobreza convencional que outros muito maiores – brasões expendidos – dons divinos, - lhe revelam o NOME que é RENOME, para o berço natal: a nossa pequenina Barbacena.”

O livro se encerra com um texto de Vito Leão, da Imprensa Carioca que segundo Conceição Garden, “apreciava Barbacena, com intenso carinho como se fosse filho”, falando sobre “Os poentes de Barbacena”.

Maria da Conceição Jardim soube, nas páginas desse livro, descrever e encantar os leitos pela singeleza dos sentimentos e o brilho nas narrativas. Podemos considerar o livro como uma preciosidade e raridade que nos faz retornar ao passado e nos possibilita analisar a história remota através do olhar da autora.

Recebido: 08 fev. 23

Aprovado: 10 fev. 22